



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **PROFECIA E CORAGEM**

**Marcos Roberto Inhauser**

É altamente significativo que a Bíblia fale dos atos de Deus interpretados pelos profetas que buscaram neles a justiça de divina. É a interpretação histórica dos atos passados que nos ilumina para seguir adiante. Se a Bíblia fosse um compêndio de Teologia Sistemática ou uma simples coleção de regras religiosas, talvez não tivesse sobrevivido aos tempos.

A função profética é árdua em vários aspectos. O é por ser uma tentativa de entender o que já passou e isto implica no risco de nem sempre estarem certos nas suas interpretações, mesmo os mais inspirados. O que hoje temos na Bíblia é a coleção das interpretações corretas que se fizeram. Os que erraram, ainda que bem intencionados, ficaram de fora.

O segundo perigo é que ela desmistifica a interpretação oficial da história. Ser profeta é ver a história desde a ótica da justiça, desde o ponto de vista dos excluídos. Ser profeta é interpretar a história de uma forma que não agrada aos poderosos, é falar contra o discurso dominante. O profeta apresenta uma versão alternativa dos fatos e quase sempre ela é considerada uma “sub-versão”.

Em terceiro lugar, ser profeta é buscar, com palavras e símbolos, a transformação da história. Se o passado fala de violência, destruição, massacre, uso indevido da religião, idolatria, quais palavras o profeta deve usar para que as pessoas se conscientizem? Pode o discurso profético ser uma peça de “oratória diplomática”? Seria o diplomata um bom profeta? Teríamos a Reforma caso Lutero tivesse se acovardado? Teríamos divórcio do casamento Igreja-Estado se os Anabatistas tivessem recuado em suas denúncias?

Poderia ou deveria o profeta submeter seus discursos a um comitê que os aprovasse antes de pronunciá-los em público? O que teria acontecido com os profetas bíblicos, especialmente Jeremias, Malaquias, Oséias e Amós se tivessem submetido seus sermões a um comitê prévio de aprovação? Teriam eles sido pregados? Se Jesus tivesse pedido a opinião dos discípulos ou dos religiosos de sua época, teria chamado a Herodes de “raposa”?

O que chama a atenção é a quantidade de cristãos que, sentindo-se ameaçados com as vozes proféticas que denunciam seus atos injustos, corruptos ou anti-éticos, saem a público pedindo que os profetas, antes de falarem, se acertem com eles. Qual rei dos tempos bíblicos não gostaria que os profetas editassem seus discursos com eles antes de irem às portas do templo para denunciar? Mas estes se esquecem que a função profética não é agência de publicidade nem trabalha com marketing pessoal de quem quer que seja. O verdadeiro profeta não tem compromisso nem com sua própria imagem, porque deve obediência à sua vocação. Em nome da fidelidade prefere as iras às glórias humanas.